

## Diálogos sobre sexualidade em orientação profissional: revisão de literatura e propostas de atuação

Dialogues about sexuality in vocational guidance: literature review and practice proposals

### Alexandre Aguiar Victuri

Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem; UNESP- Bauru, Faculdade de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Bauru, SP, Brasil. [alevicturi@gmail.com](mailto:alevicturi@gmail.com)

### Helyson Fernando de Aguiar Jacinto

Graduando em Psicologia; UNESP- Bauru, Faculdade de Ciências, Departamento de Psicologia, Bauru, SP, Brasil  
[helyson.jacinto@unesp.br](mailto:helyson.jacinto@unesp.br)

### Ana Cláudia Bortolozzi

Doutora em Educação e Livre-docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano; UNESP – Bauru, Faculdade de Ciências, Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Bauru, SP, Brasil. [claudia.bortolozzi@unesp.br](mailto:claudia.bortolozzi@unesp.br)

### Marianne Ramos Feijó

Doutora em Psicologia Clínica; UNESP – Bauru, Faculdade de Ciências, Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Bauru, SP, Brasil  
[marianne.r.feijo@unesp.br](mailto:marianne.r.feijo@unesp.br)

**Resumo:** Este artigo relata uma revisão sistemática da literatura realizada para investigar como é abordada a sexualidade na prática da Orientação Profissional (OP). Foram utilizados os descritores “orientação”, “profissional”, “sexual”, “sexualidade” e “identidade” nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Dez artigos foram analisados e encaixados nas seguintes categorias: 1) Gênero: representações do feminino e do masculino na escolha/vivência de profissões; 2) Preconceito diante de profissionais homossexuais; 3) Profissionais da saúde como responsáveis pela área da sexualidade. Conclui-se que há poucos estudos com evidente intersecção entre sexualidade e OP, embora as relações encontradas possam estimular orientadores profissionais a enriquecerem suas práticas. Diante das limitações encontradas, este trabalho também sugere propostas de como pode ser inserida a dimensão da sexualidade na prática da orientação profissional.

**Descritores:** Orientação Profissional. Sexualidade. Papel de Gênero. Trabalho.

**Abstract:** This article reports a systematic literature review done to investigate sexuality in the practice of Vocational Guidance. The descriptors used were “orientation”, “professional”, “sexual”, “sexuality” and “identity”, in Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Portal of Electronic Psychology Journals (PePSIC) bases. Ten articles were analyzed and allocated in the following categories: 1) Gender: representations of women and men in the choice / experience of professions; 2) Prejudice towards homosexual professionals; 3) Health professionals as responsible for the area of sexuality. There are few studies with an evident intersection between sexuality and OP, although the relations found can stimulate professional advisors that aim to enrich their practices. Due to the limitations found, this work also suggests intervention options to include the dimension of sexuality in the vocational guidance practice.

**Keywords:** Vocational Guidance. Sexuality. Gender Role. Work.

## Introdução

Orientação profissional (OP) é um processo em que um profissional propõe atividades, gera reflexões e questionamentos que objetivam fortalecer as escolhas e os projetos de vida de

participantes (Victuri, Turato Júnior, & Feijó, 2019). A Identidade sexual e a vivência de sexualidade são aspectos importantes da vida humana, que podem ser discutidos em encontros de orientação profissional, com o propósito de alinhar necessidades, desejos e sonhos com os projetos de vida. Sexualidade, neste estudo, é compreendida como parte integrante do ser humano, um fenômeno amplo que não se reduz à genitalidade, mas que compreende também aos sentimentos, afetos, sensualidade, prazer, etc., e que varia em função da cultura e do tempo histórico em que se inserem (Altmann, 2013; Bozon, 2004; Maia, 2010). Neste sentido, ela é definida como um conjunto de práticas culturais que são construídas socialmente e se inscrevem no indivíduo de forma singular, a depender de sua história de vida (Maia, 2010). De acordo com Abramovay, Castro e Silva (2004, p.29), “a sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve, gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos”.

Os estereótipos sobre profissões e sobre os papéis de gênero, construídos e mantidos socialmente, frequentemente limitam as escolhas das pessoas, que quando procuram a orientação profissional podem ser beneficiadas pelas oportunidades de reflexão crítica sobre preconceitos e diferenças no pensar e no viver. (Frabetti, Thomazelli, Feijó, Camargo, & Cardoso, 2015, International Labour Office [ILO], 2017).

A orientação profissional (OP), quando direcionada ao público jovem, pode ser compreendida como um processo de reflexão sobre escolhas de vida e de aproximação dos indivíduos com o mundo do trabalho, a partir de diálogos e discussões mediadas pelos(as) orientadores(as) profissionais. Esse processo pode ser dividido em diversos módulos, entre os quais estão sempre presentes atividades e discussões para ampliação de autoconhecimento dos orientandos (Bock, 2001; Victuri et al. 2019). Entretanto, esta prática não se limita a esses públicos, podendo ser realizada em qualquer fase da vida com o objetivo de criar estratégias que possibilitem aos(as) orientandos(as) a construção de projetos de vida, preferencialmente alinhados a desejos, a sonhos, habilidades desenvolvidas e interesses (Aguiar & Conceição, 2012).

No decorrer de uma prática de OP, o significado, o valor e a importância do trabalho devem ser alvo de reflexão para que processos identitários e de escolhas sejam alinhados e conjuntamente construídos, especialmente nos momentos de ingresso em cursos de formação e de mudanças no trabalho e na carreira. Para alguns(as) orientandos(as), o trabalho será central em suas vidas, para outros não (Bendassoli, 2009), mas idealmente, cada participante da OP deve sequen-

ciar suas escolhas de vida, com vistas a ampliação de espaços de expressão de sua identidade e com redução de preconceitos sobre pessoas e sobre profissões (Daspett & Santanna, 2007, Frabetti et al., 2015; Lima, Voig, Feijó, Camargo, & Cardoso, 2017). As atividades e diálogos promotores de autoconhecimento em OP são inevitavelmente associados a reflexões sobre relações e contextos de vida que, por sua vez, levam a questionamento crítico sobre os diferentes determinantes das escolhas (Victuri, et al., 2019). Neste sentido, as pessoas que se adaptam a organizações de estudo e de trabalho, a estilo de vida ou a profissões, prescindindo da conexão entre seus desejos e a sua escolha, podem comprometer parte de sua satisfação e realização, ou no mínimo, iniciar um projeto de vida com cisão entre os campos pessoais e laborais, o que em certo momento poderá restringir a legitimação social.

O modo como ocorrem nossas vivências, sejam elas afetivo-sexuais, profissionais ou de outra natureza, devem ser debatidas nos processos de OP e na sociedade como um todo, o que nem sempre ocorre, conforme constatou Rocha (2017), em pesquisa sobre a importância da legitimação da homoconjugalidade no trabalho. Segundo o referido autor, os participantes da pesquisa perceberam melhorias na aceitação da homoconjugalidade no trabalho nos últimos anos, o que consideraram favorável à relação conjugal com seus parceiros. Para os entrevistados, porém, ainda eram comuns as vivências de dificuldades de aceitação nas famílias, principalmente por parte dos homens (pais, avós, tios), o que reforça a necessidade de fortalecer indivíduos, suas identidades e escolhas em processos de OP.

No que diz respeito às escolhas profissionais, há estereótipos construídos em torno de profissões e atrelados a gênero, que frequentemente influenciam e limitam os projetos de vida de alguns grupos, como as pessoas que não atendem aos padrões heteronormativos de gênero, portanto, cuja identidade sexual, orientação sexual, comportamento ou escolha profissional é diferente do esperado por parte da sociedade para si (Rabelo, 2013; Frabetti et al., 2015; Lima et al., 2017; Figueiredo et al., 2018). Segundo Lima et al. (2017), tais estereótipos podem ser passíveis de desconstrução, tanto é que, embora timidamente, pode-se ver um aumento de mulheres em áreas da construção civil, na carreira acadêmica e, em menor escala, nas carreiras políticas.

Em um estudo realizado com casais homoafetivos femininos (Waseda, Lofego, Feijó, Chaves, & Valério, 2016) constatou-se que há maiores desafios para o engajamento em relacionamentos homossexuais, em comparação aos heterossexuais: nos relatos das participantes apareceram dificuldades quanto à aceitação familiar, a presença de preconceito em diversas situações, bem como maiores dificuldades em conseguir emprego.

Outro estudo realizado com homossexuais do sexo masculino que trabalhavam em bancos públicos e privados (Garcia & Souza, 2010) trouxe à tona questões relativas ao preconceito: todos os 10 participantes relataram terem percebido demonstrações de homofobia, ainda que velada ou não diretamente dirigida a eles; alguns participantes relataram dificuldades para conseguirem promoções em seus empregos ou, então, terem sido alocados em setores em que não tinham contato com clientes, fato que atribuíram à sua orientação sexual. Dessa forma, o preconceito deve ser considerado como um fator extra na vida de indivíduos não heterossexuais, já que o enfrentamento dessas situações é de crucial importância em seus planejamentos de vida e de carreira.

Entre os principais determinantes que devem ser refletidos num processo de OP, Victuri et al. (2019) destacaram os fatores internos (identitários, relacionados ao autoconhecimento e ao autoconceito), bem como os externos, entre os quais devem ser considerados a dinâmica de funcionamento da sociedade em que o indivíduo se insere, fatores relacionados às relações de trabalho e à realidade educacional do(a) orientando(a). Dessa forma, fatores relacionados à sexualidade, tais como preconceito, homofobia e direito ao emprego e a progressão na carreira devem ser discutidos junto aos(as) orientandos(as).

Segundo Bock (2001, p. 51), “quando uma pessoa pensa em seu futuro, ela nunca o faz de forma despersonalizada”. Considerando que a sexualidade é uma dimensão pessoal importante para a vida humana, deve fazer parte de planos de vida e de carreira. Como bem exemplifica Rocha (2017), diferentes formas de expressar a sexualidade podem ser mais aceitas em determinados contextos laborais e mais discriminadas em outros. Da mesma forma, grosso modo, pessoas do gênero masculino são minoria em cursos de pedagogia, enquanto mulheres são minoria em cursos da área de exatas (Moreira, 2020).

Se esses vieses e estereótipos relacionados à sexualidade forem desconstruídos em processos de orientação profissional, pode-se aumentar a liberdade dos(as) orientandos(as) para escolher a partir de critérios mais significativos para sua satisfação pessoal e profissional. Além disso, será possível a redução da desigualdade de gênero, tema em voga há décadas no campo das ciências humanas, que ganhou destaque recentemente na mídia brasileira em função do cenário político e de notícias sobre discriminação homofóbica e misógina (ILO, 2017).

Neste sentido, considerando a orientação profissional como processo com potencial de ação amplo na reflexão sobre escolhas e construção de projetos de vida a partir do máximo de determinações possíveis (Bock, 2005) e a sexualidade como uma dimensão da vida humana que

se expressa em muitos contextos, incluindo o ambiente de trabalho (Cabaldi, Lübke, Freitas, & Alves, 2012), questões como a identidade sexual e de gênero e divisão sexual do trabalho, são importantes para serem levadas em conta na prática de orientação profissional. Tais questões tornam-se ainda mais importantes quando os próprios orientandos as trazem à tona.

Diante dessas considerações, as perguntas de pesquisa levantadas foram: como têm sido abordadas as questões da sexualidade em processos de orientação profissional no Brasil? O que os estudos publicados em bases de dados nacionais têm a dizer sobre isso? Para responder a este problema de pesquisa, foi realizada este estudo qualitativo documental (Grant & Booth, 2009; Costa, Zoltowski, Koller, & Teixeira, 2015), que teve por **objetivo geral** realizar uma revisão sistemática de literatura em bases de dados nacionais sobre a intersecção entre sexualidade e orientação profissional/trabalho para, a partir disso sugerir possibilidades de atuação de psicólogos(as) na área da orientação profissional.

## Método

### Natureza do Estudo

Este estudo apresenta uma revisão sistemática de literatura – RSL (Grant & Booth, 2009; Costa et al. 2015), na qual foram utilizados termos de busca específicos e combinados em algumas bases de dados e, após sucessivas etapas de seleção e análise, visou-se a responder às perguntas para o problema de pesquisa já apresentado. A revisão de literatura é um importante método de pesquisa que reúne informações presentes em um corpo de estudos já publicados sobre determinado assunto, podendo ser um meio para explorar, mapear, descrever e/ou generalizar o acúmulo de conhecimento científico sobre um fenômeno (Cozby, 2003).

### Procedimento de Coleta de Dados

Como toda RSL, procedimentos metodológicos sequenciais são importantes para a sua realização. A coleta de dados ocorreu no mês de abril de 2020. As bases de dados eleitas para as buscas foram relacionadas ao campo da Psicologia e no contexto brasileiro, isto é, o Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e o Scientific Electronic Library Online (SciELO), ambas abertas à comunidade em geral. Foram utilizadas três combinações de descritores em cada base de dados: “orientação” E “profissional” E “sexualidade”; “orientação” E “profissional” E “sexual” e “orientação” E “profissional” E “identidade”. Em relação a escolha dos descritores, é importante ressaltar que nas pesquisas realizadas com os termos “orientação profissio-

nal” entre aspas, em conjunto com “sexual” ou “sexualidade” ou “identidade”, não foram obtidos resultados. O uso das palavras “sexual” e “sexualidade” foi adotado para aumentar a abrangência dos artigos encontrados, e porque os termos podem ser usados como sinônimos, respeitadas suas especificidades de adjetivo e substantivo, respectivamente. Finalmente, o uso da palavra identidade ocorreu por se tratar de condição intrínseca à sexualidade. Também foram utilizados os seguintes mecanismos de busca: “todos os índices” e “palavras do título”, de acordo com o número de referências encontradas. Não houve restrição de data das publicações.

Quando foram encontrados artigos com os descritores selecionados, dentro dos limites estabelecidos, seus títulos foram lidos para identificar a relação com os objetivos do estudo. Foram selecionados artigos que apresentavam algum fator da dimensão profissional ou da dimensão da sexualidade e/ou identidade pessoal em um tema amplo o suficiente para permitir as intersecções com o outro tema. Os artigos identificados foram selecionados para a leitura dos resumos.

Na fase seguinte, os resumos foram lidos e os artigos em que se identificaram as relações diretas entre orientação profissional e sexualidade ou as relações indiretas entre os temas (como, por exemplo, entre condições psicossociais ou de influências familiares e escolha profissional, relacionamentos e orientação de carreira, autoconhecimento e escolha) foram selecionados para leitura na íntegra e posterior análise.

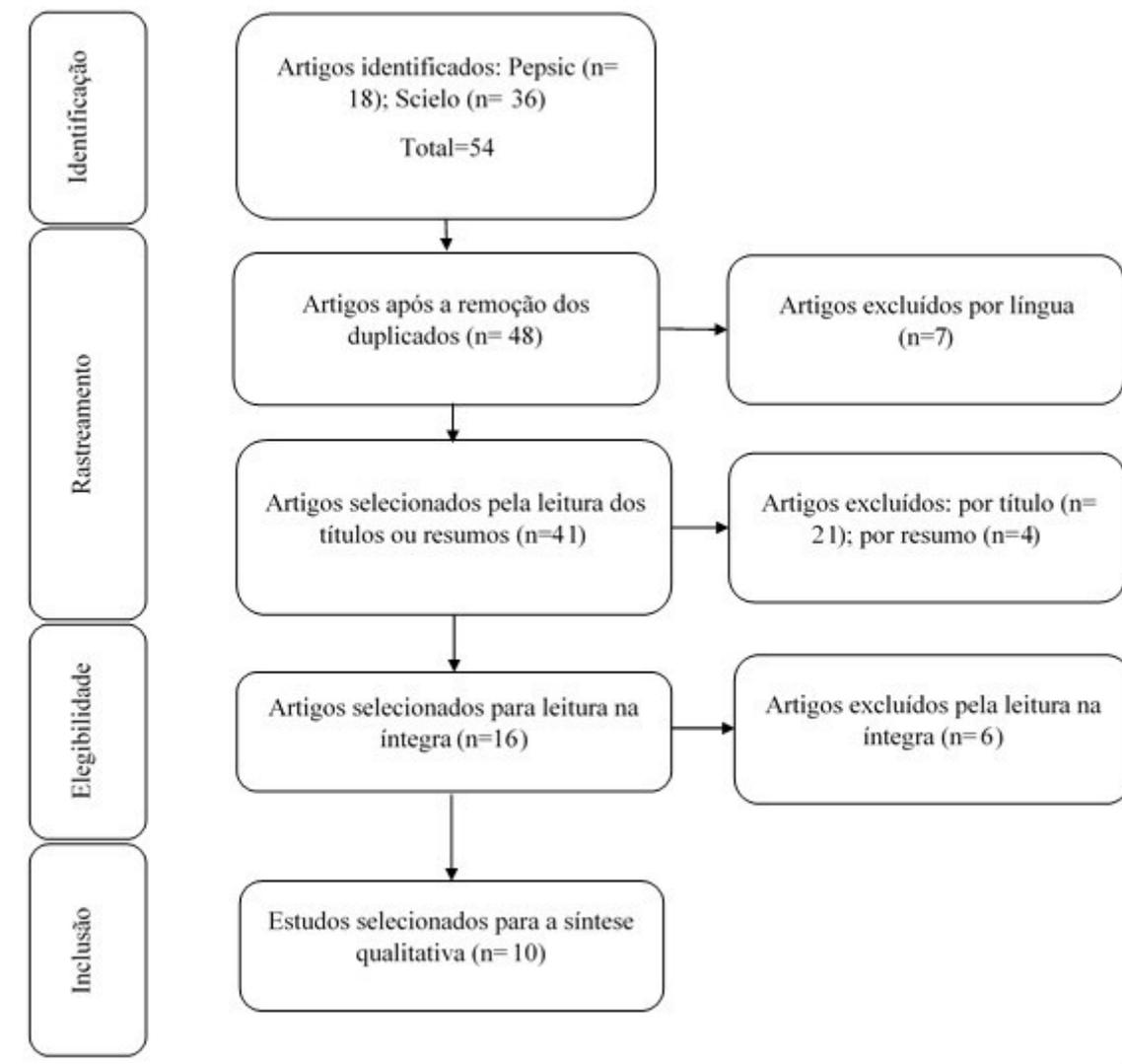
## **Procedimento de Análise de Dados**

Os trabalhos selecionados a partir da leitura na íntegra, então, tiveram suas contribuições descritas e discutidas, restringindo-se aos trechos em que apareceram as dimensões da sexualidade/identidade quando tratadas no contexto da OP, das escolhas ou projetos de vida. A análise do conteúdo foi realizada com base em Bardin (2011): leitura flutuante e organização de categorias temáticas, mutuamente exclusivas.

## **Resultados e Discussão**

Na base de dados PePSIC foram encontrados 18 artigos e na base SciELO, foram encontrados 36 artigos, sendo seis duplicados. A Figura 1 ilustra, em forma de fluxograma, os resultados das buscas empreendidas. Foram excluídos da análise os artigos em inglês (n=4) e espanhol (n=3), pois a investigação de artigos internacionais fugia dos objetivos da presente pesquisa.

Figura 1- Fluxograma dos Estudos Incluídos e Excluídos do Estudo



Fonte: elaborado pelos autores

Somente dois artigos (n=2) foram encontrados com a combinação dos descritores em seus títulos, sendo que somente um deles passou para a fase de análise (Souza, 1997). Vários resultados foram acrescentados com as combinações sem essa especificação, utilizando o mecanismo “todos os índices” (n=46). Em seguida, partiu-se para a próxima etapa: ler os títulos dos artigos, para selecionar aqueles compatíveis com o objetivo da busca.

Dos 48 artigos encontrados, 26 foram eliminados pela leitura do título em função de apresentarem foco muito específico em um público (pacientes oncológicos; pacientes com artrite reumatoide) ou tema (como uso de métodos contraceptivos; primigestação, docência em matemática, atenção farmacêutica etc.). Nesta fase, avaliou-se que nenhum dos artigos estabelecia relação direta entre orientação profissional com a dimensão da sexualidade, mas foram selecio-

nados 22 artigos que apresentavam algum fator da dimensão profissional ou da dimensão da sexualidade ou identidade pessoal em um tema suficientemente amplo para permitir as intersecções com o outro tema.

Feito isso, foi realizada a leitura dos resumos dos artigos selecionados (n=22), para identificação de possíveis intersecções entre os temas. Nessa fase, as relações diretas entre orientação profissional e sexualidade apareceram na minoria dos resumos dos artigos selecionados, acarretando a exclusão de 6 artigos, resultando em um total de 16 para leitura na íntegra. A fase da leitura dos 16 artigos remanescentes produziu uma exclusão de 6 publicações; 10 foram selecionadas e lidas na íntegra para análise qualitativa.

Não foi localizado nenhum artigo com uma relação sólida entre a questão da sexualidade no processo de orientação profissional. Entretanto, os 10 artigos selecionados apresentaram contribuições interessantes sobre o processo de fazer escolhas e construir projetos de vida, no que concerne à sexualidade, com especial destaque às questões de gênero. Da mesma forma, não foram encontrados exemplos de abordagens mais amplas da dimensão da sexualidade, nem de propostas práticas que pudessem instrumentalizar o leitor sobre como lidar com as demandas de sexualidade na orientação profissional ou nos projetos de vida. Diante dessa última lacuna, os presentes autores buscaram tecer proposições práticas para a atuação do orientador profissional.

A análise de conteúdo realizada no estudo desvelou três categorias temáticas, que foram apresentadas, comentadas e relacionadas com a prática da orientação profissional: (a) Gênero no trabalho: representações do feminino e do masculino na escolha e na vivência de profissões; (b) Situações de preconceito diante de profissionais homossexuais; (c) Profissionais da saúde como responsáveis pelo trabalho do tema da sexualidade e da educação sexual.

### **(a) Gênero no Trabalho: Representações do Feminino e do Masculino na Escolha e na Vivência de Profissões.**

A intersecção que mais apareceu nos artigos selecionados foi entre questões de gênero e trabalho. Identificou-se a discriminação por gênero como fator de risco para a desistência de sonhos e projetos de vida que incluem o trabalho (Souza, 1997): as expectativas sociais sobre o gênero foram apontadas como importantes influências no processo de escolha profissional, no mesmo artigo que defendeu ser necessário realizar adaptações e negociações sobre flexibilização do trabalho para facilitar a inserção da mulher no mercado (Lassance & Sarriera, 2009). Além disso, nos artigos também foi citada uma delegação intergeracional de papéis às mulheres como deter-

minante de seu desenvolvimento profissional, principalmente no que se refere à restrição de possibilidades das jovens mulheres (Reis & Rabinovich, 2006) e a gravidez na adolescência como uma restrição importante à formação profissional das mulheres e consequente impossibilidade de inserção laboral com empregos mais qualificados (Brêtas & Silva, 2007).

De acordo com alguns dos artigos (Souza, 1997; Reis & Rabinovich, 2006; Brêtas & Silva, 2007; Lassance & Sarriera, 2009), é imposta às mulheres uma dificuldade maior em conciliar expectativas de gênero com os interesses profissionais. Além disso, questões como gravidez na adolescência também geram mais dificuldades e consequências negativas para os estudos e para o trabalho. O conhecimento disso por parte dos(as) orientadores(as) profissionais pode sensibilizá-los à proposição de atividades que protejam as orientandas e rompam limitações e barreiras atitudinais às mulheres na sua carreira profissional: uma possibilidade de ação seria mostrar a elas exemplos de pessoas que superaram as limitações impostas pela cultura, usaram métodos contraceptivos, planejaram seu desenvolvimento e outras que superaram barreiras e conciliaram os papéis como o de mãe e de profissional, o que pode inspirá-las a seguir o mesmo caminho.

Também podem ser propostas atividades que ajudem as orientandas a elaborar estratégias de enfrentamento à discriminação por gênero em diversos ambientes (trabalho, casa etc.) e ao desequilíbrio de funções atribuídas às partes de um casal heterossexual. Atividades assim podem beneficiar também aos orientandos homens, pois é sabido que ao gênero masculino também são atribuídas várias expectativas sociais que podem limitar escolhas profissionais (Rabelo, 2013, Frabetti et al., 2015; Lima et al., 2017). Além disso, a união conjugal ou a co-habitação envolve a divisão de tarefas, questão que ainda é motivo de conflito em muitas relações conjugais.

O estudo de Strobino e Teixeira (2014) vai ao encontro dessa discussão sobre as limitações impostas à mulher como trabalhadora, pois discorre sobre o quanto algumas demandas familiares acabam recaindo de forma desequilibrada sobre a responsabilidade das mulheres da família. A elas são atribuídas também mais tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. Somado a isso, a dificuldade trabalhista e social em oferecer oportunidades iguais para as mulheres, principalmente para assumirem cargos mais elevados (Santos, Tanure, & Carvalho Neto, 2014), dificulta ainda mais a conquista de satisfação profissional feminina. Munido dessas informações, um(a) orientador(a) profissional pode propor rodas de conversa para discutir como seus(uas) orientandos(as) podem distribuir tarefas domésticas de forma justa com seus cônjuges e parceiros/as, para que todos(as) tenham oportunidades iguais de se satisfazerem profissionalmente, independentemente do gênero.

Além disso, como um subtema nesta categoria, pode-se pensar sobre a família nas relações de gênero. Não é novidade o fato de que a família tem um importante papel no processo de escolha profissional (Soares, 2002). Nesse sentido, dois artigos encontrados se destacaram (Reis & Rabinovich, 2006, Almeida & Pinho, 2008). O estudo de Reis e Rabinovich (2006) indicou que a atribuição de papéis domésticos a jovens mulheres por suas mães reduziu grandemente as suas possibilidades de escolha profissional. O estudo de Almeida e Pinho (2008), por sua vez, indicou que as influências familiares (crenças e expectativas), inclusive no que diz respeito à sexualidade, podem conter preconceitos que dificultam a escolha profissional de filhos(as).

Abordar a influência das expectativas da família em relação aos papéis de gênero e demais dimensões da sexualidade do(a) orientando(a), como a orientação sexual e a expressão de gênero, pode ser uma inclusão importante em OP. É possível que esse tema seja abordado diretamente com os(as) orientandos(as), em rodas de conversas sobre expectativas familiares. Mas técnicas vivenciais como simulações de conversas com familiares sobre o trabalho ou debates de filmes que abordam a temática também podem incluir reflexões sobre expectativas da família sobre os planos de vida e a sexualidade (delegação do papel de cuidar da família atribuído à mulher ou do papel de provedor atribuído ao homem, conjugalidade, etc.) e suas relações com o trabalho.

## **(b) Situações de Preconceito Diante de Profissionais Homossexuais**

No que diz respeito à orientação sexual, um dos artigos selecionados deu especial enfoque à questão do preconceito contra homossexuais em ambientes corporativos (Irigaray, Saraiva, & Carrieri, 2010), ao passo que outro artigo discorreu sobre uma investigação a respeito das manifestações de preconceitos dentro da classe profissional de psicólogos(as) (Gaspodini & Falcke, 2018).

Irigaray et al. (2010) apontaram que o fato de as pessoas serem homossexuais podem levá-las a enfrentar maiores dificuldades em suas carreiras, tanto em função da possibilidade de a orientação sexual promover distanciamento das outras pessoas, como também pela necessidade de lidar cotidianamente com preconceitos “sutis” que são amenizados em forma de piadas com o intuito de tornarem-se “aceitáveis” no ambiente corporativo. Em decorrência disso, os entrevistados relataram enfrentar o empobrecimento de suas redes de contatos, o que desfavorece promoções e o reconhecimento pela realização de um bom trabalho (Irigaray et al., 2010).

O estudo de Gaspodini e Falcke (2018), avaliou os preconceitos de 497 psicólogos(as) de todo o Brasil com o intuito de associá-los às crenças sobre a natureza da homossexualidade, bis-

sexualidade e transexualidade. Grande parte dos participantes concordava com explicações psicossociais quanto à natureza desses fenômenos; entretanto, foi possível relacionar maiores graus de preconceitos com explicações de natureza psicológica (que colocam a homossexualidade como decorrência de eventos como: traumas na infância, conflitos mal resolvidos com os genitores, perversões, etc.), o que foi considerado preocupante pelos autores, especialmente por terem encontrado também indicadores de preconceito extremo nas respostas dessa classe profissional.

O preconceito pode ser um fator limitante na vida das pessoas com orientações sexuais dissidentes, interferindo em várias esferas no dia a dia dos indivíduos e, no caso laboral, tais dificuldades podem interferir em possíveis obstáculos para promoções, restrições ou impedimentos de tarefas e discriminações de pessoas importantes no grupo social (Garcia & Souza, 2010; Waseda et al., 2016). Por isso, é fundamental que o preconceito seja abordado nos processos de orientação em função da necessidade de refletir sobre as perspectivas realistas quanto ao trabalho e aos planos de vida, bem como a necessidade de criar estratégias de enfrentamento de forma a minimizar os possíveis prejuízos decorrentes deles.

Para aplicar estratégias de enfrentamento envolvendo os dilemas da sexualidade nas relações de trabalho, é possível utilizar a seguinte atividade, proposta por Iliopoulou, Jovia e Lucy (2009) como parte de uma técnica vivencial maior: inicialmente, os(as) orientadores(as) compararam os desafios que as pessoas enfrentam em suas vidas com as tempestades pelas quais as árvores passam. Em seguida, questionam os(as) orientandos(as) sobre quais desafios (ou tempestades) têm enfrentado ou imaginam que vão enfrentar e solicitam que apontem suas dificuldades e essas são discutidas de forma conjunta pelo grupo. Em seguida, os(as) orientadores(as) estimulam os(as) orientandos(as) a compartilharem estratégias de enfrentamento que conhecem para lidar com os desafios elencados, com posterior discussão sobre como elas podem funcionar em cada caso. Essa atividade pode colaborar para que os(as) orientandos(as) compartilhem suas inseguranças e dificuldades, e ainda recebam acolhimento do grupo e sugestões de estratégias para enfrentarem os desafios da vida. O uso da técnica narrativa e colaborativa da Árvore da Vida, pode ser usada na sequência, com ênfase em reflexões sobre habilidades, sonhos, valores, estratégias de enfrentamento e pessoas significativas que formam a rede de apoio e de incentivo para o desenvolvimento do(a) orientando(a) (Denborough & Ncube, 2011).

Dessa forma, a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho por conta de expressões de gênero ou orientações sexuais não heteronormativas não pode ser minimizada por psicólogos(as) e é um tema que deve ser considerado nos encontros de OP. É possível abordar

essa questão em rodas de conversa mais abertas às várias demandas que os(as) orientandos(as) trazem, bem como incentivar as trocas de experiências e evidenciar a importância da busca de apoio nas redes de pessoas significativas que legitimam os(as) orientandos(as) e suas escolhas (Waseda et al., 2016).

### **(c) Profissões da área da saúde indicadas para o trabalho com Sexualidade e/ou Educação Sexual**

Informações sobre a forma como a sexualidade aparece em algumas profissões da área da saúde (Psicologia, Enfermagem e Medicina), foram indicadas em três dos artigos analisados (Brêtas, Ohara, & Querino, 2008; Darze & Barroso Júnior, 2018; Gaspodini & Falcke, 2018) e podem enriquecer processos de orientação profissional, principalmente quando o interesse por elas surgir dos(as) orientandos(as). No estudo de Brêtas et al.(2008) estudantes de enfermagem foram favoráveis à participação de programas de educação sexual, alegando serem profissionais que, em geral, têm contato com o corpo dos(as) pacientes e, não raro, precisam fazer orientações sobre sexualidade. Outro estudo que dialoga com essa questão é o de Darze e Barroso Júnior (2018), que apontou a necessidade de o(a) profissional médico(a) considerar o seu nível de conforto ao abordar questões de saúde sexual e reprodutiva no momento de escolher a sua especialidade. Isso vai ao encontro do que se espera de um educador sexual (Altman, 2003; Maia & Ribeiro, 2011), pois é importante que haja reflexão prévia sobre suas limitações, bem como sobre a própria história, para minimizar a chance de as informações passadas serem viesadas por crenças pessoais.

Na mesma direção, Gaspoli e Falcke (2018), indicam uma relação entre a profissão de psicólogo(a) e a sexualidade. Especificamente no eixo da informação profissional, quando o conhecimento dos(as) orientandos(as) sobre as profissões é explorado, questões como a construção histórica da sexualidade e gênero, bem como sua repercussão para as relações de trabalho devem ser consideradas, debatidas e refletidas nas atividades propostas.

Assim, atividades realizadas nos encontros de busca e aprofundamento de informações sobre as questões do trabalho podem conter reflexões sobre como a sexualidade se insere nas profissões da área da saúde. O nível de inserção da sexualidade na profissão cogitada pode ser uma informação relevante para o processo de escolha.

Entretanto, o orientando ainda pode escolher uma profissão que tenha demandas de sexualidade mesmo reconhecendo que terá dificuldades para lidar com elas. Nesse caso, a orientação

profissional pode ajudá-lo a identificar as habilidades que precisam ser desenvolvidas e refletir sobre os caminhos possíveis para tal.

Pessoas mais seguras e mais abertas à aceitação da diversidade, que quebram alguns de seus preconceitos relacionados à sexualidade (e outros) poderão exercer melhor as atividades profissionais educativas, no campo social e de saúde. Em última instância, orientandos(as) que não desejem trabalhar com a dimensão da sexualidade podem optar por profissões ou formas de exercício profissionais que exijam menos contato com o tema em questão, afinal processos de OP também servem para reconhecer os desejos pessoais e os próprios limites do que e de onde se quer (ou não se quer) atuar.

Um dos artigos (Brêtas & Silva, 2002) indicou a existência de um programa de educação sexual em três centros da juventude e em uma instituição de formação profissional da cidade de São Paulo. Com isso, revelou que no mesmo espaço em que ocorria a preparação para o mercado de trabalho, houve abertura para se trabalhar com a dimensão da sexualidade. O trabalho dos autores (Brêtas & Silva, 2002) descreveu os interesses de escolares e adolescentes frequentadores das instituições acerca da sexualidade, nas categorias corpo humano, reprodução, saúde sexual e comportamento sexual. Todavia, não apontou nenhuma articulação dialógica entre os dois temas. Ainda assim, este artigo pode servir como inspiração para a abordagem da sexualidade no mesmo espaço em que se pensam em projetos de vida e carreira.

## Considerações Finais

Identidade sexual e identidade profissional são aspectos constitutivos da identidade humana, processo em contínua construção social, portanto, dependente de relações, contextos e processos, inclusive os que envolvem escolhas de vida e de trabalho. Dessa forma, abordar diretamente tais relações entre identidade e sexualidade pode ser uma importante estratégia para a promoção e manutenção da saúde mental das pessoas em processo de orientação profissional a curto, médio e longo prazo.

Não foi localizado nenhum artigo com evidente intersecção entre sexualidade e orientação profissional. Quase que somente as questões de gênero foram exploradas por alguns(as) pesquisadores(as) e, ainda assim, de forma incipiente, priorizando a discussão da mulher no trabalho. Mesmo no campo das identidades dissidentes, os poucos estudos restringiram-se à homossexualidade e outras discussões, sobre as identidades “trans”, por exemplo, não foram mencionadas; ou seja, essas discussões nessa área ainda são muito pouco exploradas. Os dados sugerem uma im-

portante lacuna no conhecimento científico, que pode ser minimizada conforme mais estudos na área forem realizados.

O estudo apresentado traz alguns limites metodológicos que devem ser considerados, como a escolha das bases de dados, que poderiam ser maiores em número e em áreas de conhecimento; alterações nos descritores que poderiam ter sido utilizados, como “orientação vocacional”, “gênero”, “estereótipos”, “projetos de vida”, entre outros. Portanto, recomenda-se que próximos estudos realizem buscas com descritores mais variados e a inclusão de bases de dados internacionais, o que também pode enriquecer a gama de documentos localizados.

Apesar disso e dos limites de uma pesquisa qualitativa que, no caso, impede a generalização dos dados, a principal contribuição deste estudo é chamar a atenção para a lacuna na literatura científica sobre a intersecção entre a sexualidade e a orientação profissional, bem como para a necessidade de discutir sobre essa problemática entre pesquisadores/as, profissionais da psicologia e orientandos(as) e aqueles(as) que de algum modo têm relações com o mundo do trabalho. Por fim, os dados analisados convidam especialmente profissionais do campo da orientação profissional a se debruçarem para propor e realizar práticas que abordem a sexualidade em suas atuações, que é fundamental para a completude e sucesso dos processos que conduzem. Afinal, as formas de viver a sexualidade impactam profundamente os projetos de vida das pessoas, principalmente para as minorias sexuais, que não poderiam viver sem perceber esses impactos, ainda que muito se esforçassem.

## Referências

- Abramovay, M., Castro, M. G., & Silva da, L. B. (2004). *Juventude e sexualidade*. Brasília, DF: UNESCO. Recuperado de [https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unesco/juventudes\\_e\\_sexualidade\\_2004.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unesco/juventudes_e_sexualidade_2004.pdf)
- Acuña, J. T., & Feijó, M.R. (2019). Desenvolvimento do autoconhecimento em Orientação Profissional: possibilidades práticas. In Feijó, M. R., Goulart Júnior, E., Campos, D. C., Cardoso, H. F., & Camargo, M. L. (Orgs.) *Primeiros passos na atuação profissional do psicólogo em orientação profissional e de carreira e psicologia organizacional e do trabalho* (p. 15-31). Araraquara, SP: Letraria. doi: <https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.518>
- Aguiar, F. H. R. & Conceição, M. I. G. (2012). Análise da produção científica em orientação profissional: tendências e velhos problemas. *Psico-USF*, 17 (1), 97-107. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100011>

- Almeida, M. E. G. G., & Pinho, L. V. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psic. Clin.*, 20(2), 173-184. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200013>
- Altmann, H. (2013). Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 1(13), 69-82. doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000100004>
- Andrade, J. M., Meira, G. R. J. M., & Vasconcelos, Z. B. (2002). O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(3). doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000300008>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Trad.). São Paulo, SP: Edições 70.
- Bendassolli, P. (2009). *Psicologia e Trabalho: apropriações e significados*. São Paulo, SP: Cengage Learning. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552010000500016>
- Bock, S. (2001). *Orientação profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Estadual de Campinas). Recuperado de [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_d5224a5fe0af274ebaf01f46-ba7eb1a8](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_d5224a5fe0af274ebaf01f46-ba7eb1a8)
- Bock, S. D., & Bock, A. M. B. (2005). Orientação profissional: uma abordagem sócio-histórica. *Revista Mexicana de Orientación Educativa*, 3(5), 2-17.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da Sexualidade*. (Maria de Lourdes Menezes Trad.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Brêtas, J. R. S., Ohara, C. V. S., & Querino, I. D. (2008). Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. *Acta Paul Enferm*, 21(4), 568-574. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002008000400006>.
- Brêtas, J. R. S., & Pereira, S. R. (2007). Projeto de extensão universitária: um espaço para formação profissional e promoção da saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, 5(2). doi: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462007000200008>.
- Brêtas, J. R. S., & Silva, C. V. (2002). Interesse de Escolares e Adolescentes sobre Corpo e Sexualidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 55(5), 528-534. doi: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20020069>.
- Cabaldi, A. N., Lübke, C. A., Freitas, D. H. H., & Alves, T. M. N. (2012). O elemento feminino nas relações de poder. In Ribeiro, P. R. C., Costa, A. L. C., & Barros, S. C. (Orgs.), *Gênero*

- e diversidade na escola: saberes em diálogo na educação à distância* (pp. 122-124). Rio Grande, RS: FURG.
- Costa, A. B., Zoltowski, A. P. C., Koller, S. H., & Teixeira, M. A. P. (2015). Construção de uma escala para avaliar a qualidade metodológica de revisões sistemáticas. *Ciências & Saúde Coletiva*, 20(8), 2441-2452. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.10762014>
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento* (P. I. C. Gomide Trad.). São Paulo, SP: Atlas.
- Darze, O. I. S. P., & Barroso Júnior, U. (2018). Uma Proposta Educativa para Abordar Objeção de Consciência em Saúde Reprodutiva durante o Ensino Médico. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(4), 155-164. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n4RB20180021>
- Daspett, C., & Santanna, M. (2007). O pote de ouro no final do arco-íris: casais e famílias homossexuais. In Horta, A.L., & Feijó, M. R. (Orgs.). *Sexualidade na família: avanços e desafios da contemporaneidade* (pp.161-174). São Paulo, SP: Expressão & Arte.
- Denborough, D., & Ncube, N. (2011). Atendendo crianças que vivenciaram traumas: a árvore da vida. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 39(1), p. 92-101. Recuperado de: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/192>
- Figueiredo, M. O., Zambulim, M. C., Emmel, M. L. G., Fornereto, A. P. N., Lourenço, G. F., Joaquim, R. H. V. T., Barba, P. D. (2018). Terapia ocupacional: uma profissão relacionada ao feminino. *História, Ciências, Saúde*, 25(1), 115-126. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000100007>
- Frabetti, K. C., Thomazelli, C., Feijó, M. R., Camargo, M. L., & Cardoso, H. F. (2015). Práticas Narrativas e Orientação Profissional: a possibilidade de desconstrução de estereótipos ligados às profissões. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 23, 41-55. Recuperado de: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/145>
- Garcia, A., & Souza, E. M. (2010). Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário. *Revista da Administração Pública*, 44(6), 1353-1377. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122010000600005>
- Gaspodini, I. B., & Falcke, D. (2018). Relações entre preconceito e crenças sobre diversidade sexual e de gênero em psicólogos/as brasileiros/as. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 744-757. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001752017>

- Grant, M. J., & Booth, A. (2009). A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information and Libraries Journal*, 26(1), 91-108. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>
- Grein, T. A. D., Nascimento, V. F., Hattori, T. Y., Terças, A. C. P., & Borges, A. P. (2017). Saberes de puérperas sobre o planejamento reprodutivo. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, 38(2), p. 145-154. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0367.2017v38n2p145>
- Greschechen, F.; & Tamanini, E. (2018). As escolhas profissionais femininas em cursos técnicos de nível médio. *Educação em Foco*, 21(3), 201-220. doi: <https://doi.org/10.24934/eef.v21i33.1803>
- Iliopoulou, G., Jovia, K., & Lucy, S. (2009). The “Tree of Life” in a Community Context. *Context*, 105, 50-54.
- International Labour Office. (2017). World Employment Social Outlook: trends for women. Geneva: Author. Recuperado de: <https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/trends-for-women2017/lang--en/index.htm>
- Irigaray, H. A. R., Saraiva, L. A. S., & Carrieri, A. P. (2010). Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 14(5), 890-906. doi: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552010000500008>
- Lassance, M. C., & Sarriera, J. C. (2009). Carreira e saliência de papéis: Integrando o desenvolvimento pessoal e profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 15-31. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902009000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200004)
- Lima, F. I. A., Voig, A. E. G. T., Feijó, M. R., Camargo, M. L., & Cardoso, H. F. (2017). A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. *Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.*, 19(1), 33-50. doi: <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818>
- Maia, A. C. B. (2010). Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. *Psicopedagogia on line*, 1(1). Recuperado de: <http://hdl.handle.net/11449/125065>
- Maia, A. C.B. & Ribeiro, P.R.M. Educação Sexual: princípios para ação. *Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação*, v. 15, p. 41-51, 2011. Recuperado de: [https://www.academia.edu/12736279/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_Sexual\\_princ%C3%ADpios\\_para\\_a\\_%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/12736279/Educa%C3%A7%C3%A3o_Sexual_princ%C3%ADpios_para_a_%C3%A7%C3%A3o)
- Moreira, M. C. (2020). *Investigando vieses de gênero a respeito de profissões entre alunos das áreas de ciências exatas e humanas*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia, Centro de

- Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos). Recuperado de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12340>
- Rabelo, A. O. (2013). Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, 39(4), 907-925. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013005000004>
- Reis, L. P. C., & Rabinovich, E. P. (2006). O fantasma da repetição e a relação mãe/filha. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(3), 39-52. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v16n3/06.pdf>
- Rocha, R. M. A. (2017). Aceitação da Homoconjugalidade Masculina no ambiente de trabalho e possíveis influências na relação conjugal. Trabalho apresentado no IV CISES – Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual. Rio Claro.
- Santos, C. M. M., Tanure, B., & Carvalho Neto, A. M. (2014). Mulheres executivas brasileiras: o teto de vidro em questão. *Revista Administração em Diálogo*, 16(3), 56-75. doi: <https://doi.org/10.20946/rad.v16i3.13791>
- Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo, SP: Summus.
- Souza, C. A. (1997). Reflexões sobre trabalho, identidade e projeto de vida: sua relação com o processo de orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 1(1), 47-57. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1414-88891997000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-88891997000100004)
- Strobino, M. R. C., & Teixeira, R. M. (2014). Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. *Revista de Administração*, 49(1), 59-76. doi: <https://doi.org/10.5700/rausp1131>
- Victuri, A. A., Turato Júnior, E. D., & Feijó, M. R. (2019). Oficina interativa sobre orientação profissional com estudantes de cursinho pré-vestibular. In Feijó, M. R., Goulart Júnior, E., Campos, D. C., Cardoso, H. F., & Camargo, M. L. (Orgs.). *Primeiros passos na atuação profissional do psicólogo em orientação profissional e de carreira e psicologia organizacional e do trabalho* (p. 32-45). Araraquara, SP: Letraria. Recuperado de: <https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2019/08/Primeiros-passos-na-atua%C3%A7%C3%A3o-profissional-do-psic%C3%B3logo-em-orienta%C3%A7%C3%A3o-profissional-e-de-carreira-e-psicologia-organizacional-e-do-trabalho-Letraria.pdf>

Waseda, D., Lofego, L., Feijó, M. R., Chaves, U. H., & Valério, N. I. (2016). Casais homoafetivos femininos: demandas do ciclo vital familiar e aceitação social. *Pensando Famílias*, 20(2), 115-131. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n2/v20n2a09.pdf>

Recebido em: julho de 2021

Publicado em: dezembro de 2021